

O Tigre e seu simbolismo no conto “A escritura do deus”, de Jorge Luis Borges.

Verônica Pereira de Mendonça/UNB

Este artigo tem como objetivo analisar a função e o simbolismo do Tigre presente no conto “A escritura do deus”, do livro “O Aleph” de Jorge Luis Borges. A pesquisa objetiva estabelecer o papel deste símbolo como unidade de significação dentro do texto, estabelecendo assim elos entre a obra e a função do tigre que nos auxilia em um maior entendimento ao texto por meio de sua carga simbólica. Para o referido estudo serão utilizados alguns teóricos de Jorge Luis Borges, como também o *Dicionário de Símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, e o livro *Anatomia da Crítica*, de Northrop Frye, entre outros que nos direcionarão para uma visão do simbólico e suas representações, assim como o papel do animal na referida obra.

Palavras-chave: literatura; tigre; símbolo; significado; Jorge Luis Borges.

Quando falamos de Borges, falamos do fantástico, que permeia sua vida, seus poemas, seus contos e seu ser. Escritor de fundamental importância para o século XX. Seja na poesia, seja nos ensaios ou nos seus contos, seus temas sempre passam pela busca de si mesmo, a metafísica, o amor, a morte, a solidão, o tempo, o universo e o homem, entre muitos outros, com toques de realidade e do fantástico que se misturam de forma a prender a atenção do leitor e fazer que este deseje sempre mais e reflita sempre mais.

Toda sua obra é muito representativa, porém para esta análise optamos pelo conto do livro *O Aleph: A escritura do deus*. Neste conto vemos a angústia de um Mago, que está preso por seus conquistadores dentro de uma prisão dividida com um Jaguar/Tigre¹, em descobrir uma sentença mágica que o livrará de todo mal e que segundo o próprio Mago está inscrita na pele do animal.

A obra de Borges “*O Aleph*”, que talvez seja o livro de contos mais representativo do autor, está composta por dezessete contos diversos que narram com grande sutileza fatos que vão desde o real ao fantástico sem que o leitor se dê conta. Nesta

obra Borges trabalha com temas que passam dos sonhos aos fatos do cotidiano, do tempo à imortalidade, trabalhando com o elemento fantástico muitas vezes por meios de símbolos que desencadeiam sempre a marca do fantástico em suas obras e que a primeira vista parecem simples objetos do nosso cotidiano e que passam a mostrar-nos outro mundo, outras visões.

Todorov (1976), em *Estruturalismo e poética*, afirma: “*Todos os aspectos de um objeto se determinam pela visão que dele nos é oferecida*”. Essa afirmação nos mostra que cada texto literário (tomado aqui como objeto de estudo) guarda em si possibilidades objetivas de leituras, que podem chegar a não ser alcançadas em uma única análise, permitindo assim várias possibilidades de interpretação do mesmo objeto.

Com base nesta perspectiva de várias possibilidades de interpretação para um texto literário, foi escolhida a perspectiva do realismo fantástico, conectando-se a representação simbólica dentro de algumas narrativas modernas, como as do escritor argentino Jorge Luis Borges.

Na narrativa selecionada, se faz perceptível, camufladas pelo fantástico, questões concernentes à linguagem, a literatura, conhecimento e sociedade, sonhos, muitas vezes representados por meio de símbolos a areia, o jaguar/tigre, as machas, e às vezes representados também por momentos simbólicos, como o sonho/revelação do Mago Tzinacán no conto *A escritura do deus*.

¹ O autor considera o animal inicialmente como um Jaguar, porém com o decorrer do texto passa a chama-lo de Tigre, não sendo esclarecida a origem do animal. Aqui tomaremos como símbolos para

analises os dois animais em questão, sendo analisado tanto o simbolismo do Jaguar e o do Tigre, e como eles confluem para o entendimento da narrativa.

O fantástico na obra de Borges

No livro *Introducción a la literatura fantástica*, Tzvetan Todorov, caracteriza o realismo fantástico como “(...) *una intrusión brutal del misterio en el marco de la vida real.*” (TODOROV, 2006, p. 25) ou também como “(...) *la vacilación que experimenta un ser que sólo conoce las leyes naturales, ante un acontecimiento al parecer sobrenatural.*”. (TODOROV, 2006, p. 24) As situações fantásticas para a lógica de causa e efeito conhecida pelo leitor.

Caracteriza ainda a literatura como uma literatura que “*postula la existencia de lo real, de lo natural, de lo normal, para poder luego abrir una brecha en ello*”. (TODOROV, 2006, p. 179)

O fantástico acontece numa situação que se considera normal e natural, onde tudo ao seu redor transcorre normalmente, porém esse fato vem modificar o andamento da narrativa, conferindo-lhe a expressão do fantástico e instaurando uma necessidade de reflexão sobre o fato inusitado. Segundo Todorov, essa consciência se produz com o rompimento de uma lei natural, “(...) *la transgresión de las leyes de la naturaleza nos hacía tomar una conciencia mayor del hecho.*” (TODOROV, 2006, p. 179)

Encontramos momentos repletos de características do fantástico dentro de cada uma das narrativas presentes no livro. E ainda dentro das características do fantástico temos no conto *A escritura do deus*, o aspecto do tempo como um resquício do fantástico, a narrativa se desenvolve apresentando o aspecto do tempo como algo subentendido, não deixando claro o tempo que realmente envolve a narrativa, ficando de certo modo suspensa essa noção de tempo dentro do texto, revelando suavemente mais uma característica do fantástico a ser estudada no conto.

Ainda em *A escritura do deus*, vemos o triunfo da inteligência, porém por um meio digamos que um tanto quanto fantástico. Neste sentido a imagem do sonho aparece para agregar seu tom fantástico na narrativa. É por meio de uma visão (como no conto *O Aleph*) e por meio de sua fixação excessiva numa ideia (como no caso do conto *O Zahir*) que vemos o Mago Tzinacán chegar a conhecer a totalidade do universo, a entrever os desígnios do deus postos na pele do Jaguar/Tigre, a descobrir o mais

secreto, a escritura que poderia salvar a ele (o Mago que está preso) e a todos.

O protagonista consegue alcançar a visão da totalidade, e é neste conto (*A escritura do deus*) que vemos com mais clareza a posição humana posta frente à totalidade do universo, é o homem o ser menor, o que toma consciência de seus limites frente a esta totalidade.

Os símbolos da revelação fantástica

Na narrativa em questão, assim como em toda obra borgeana, vemos transpassado por todo o texto a presença enigmática de diversos tipos de símbolos. Uns mais marcados e visíveis quanto ao seu sentido e significado no texto, e outros expostos de uma forma mais sutil, porém sempre presentes e com aportes significativos ao texto.

Ao escolher a categoria analítica da simbologia para ser estudada, nos debruçaremos sobre os objetos e passagens presentes no conto, nos perguntando se existe um diálogo entre os objetos portadores da simbologia em cada conto, ou mesmo se as passagens simbólicas que aparecem no conto têm um caráter direcionador dentro da narrativa.

Quanto ao estudo da simbologia, serão utilizados tanto o *Dicionário de Símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, como o livro *Anatomia da Crítica*, de Northrop Frye, que nos direcionarão para uma visão do simbólico e suas representações.

Será levado em conta o papel simbólico presente nos textos, o que para Northrop Frye é de grande importância, já que “*No plano literal, onde os símbolos são motivos, qualquer unidade, descendo até as letras, pode ser relevante para a nossa compreensão.*” (FRYE, p. 83)

Para análise, temos o termo símbolo, segundo a classificação de Northrop Frye, com o

“qualquer unidade de qualquer estrutura literária que possa ser isolada para apreciação crítica. Uma palavra, uma frase ou uma imagem usadas com algum tipo de referência especial (é esse o significado habitual de símbolo), todas são símbolos quando constituem elementos discerníveis na análise crítica.” (FRYE, p. 75),

Escolhemos símbolos que mais marcam dentro da narrativa, e em *A escritura do deus*, temos a presença de vários símbolos, como o tigre/jaguar e suas manchas, os grãos de areia no sonho do mago e até mesmo o sonho do mago como símbolo da busca e descoberta da totalidade. Para esta análise nos deteremos na representação do Tigre/Jaguar e as representações advindas dele como as suas manchas e sua representação simbólica.

Para Frye, o aspecto narrativo da literatura é um ato recorrente de comunicação simbólica em outras palavras um ritual, ao utilizar-se de seus símbolos para expressar e dar significações dentro de um texto. Ainda segundo o autor

Sempre que estamos lendo, vemos que nossa atenção se move ao mesmo tempo em duas direções. Uma direção é exterior ou centrífuga, e nela ficamos indo para fora de nossa leitura, das palavras individuais para as coisas que significam, ou, na prática, para nossa lembrança da associação convencional entre elas. A outra direção é interna ou centrípeta, e nela tentamos determinar com as palavras o sentido da configuração verbal mais ampla que elas formam. Nos dois casos lidamos com símbolos, mas, quando ligamos um sentido exterior a uma palavra, temos, em adição ao símbolo verbal, a coisa representada ou simbolizada por ele. (FRYE, p.77)

Ou seja, toda leitura vem carregada de símbolos, que são disparados seja de acordo com a lembrança e associação que fazemos a eles, ou mesmo com a determinação através do sentido que aquela palavra representa.

O símbolo do felino

Para o conto analisado, levamos em consideração a imagem do animal, neste caso, dos animais visto que o autor nos cita dois animais diferentes: Jaguar e Tigre. O personagem pensando onde poderia estar escondida esta tal escritura, supõe uma variedade de possíveis locais e vai desfazendo ao mesmo tempo todas as suas suposições, “*En ese afán estaba cuando recorde que el jaguar era uno de los atributos del dios.*” (BORGES, 2005, p.149) quando por fim chega na imagem do Jaguar/Tigre, animal que está na cela ao lado da sua,

Entonces mi alma se llenó de piedad. Imaginé la primera mañana del tiempo, imaginé a mi dios confiando el mensaje a la piel viva de los jaguares, que se amarían y se engendrarían sin fin, en cavernas, en cañaverales, en islas, para que los últimos hombres lo recibieran. Imaginé esa red de tigres, ese caliente laberinto de tigres, dando horror a los prados y a los rebaños para conservar un dibujo. En la otra celda había un jaguar; en su vecindad percibí una confirmación de mi conjetura y un secreto favor. (BORGES, 2005, p. 149)

Neste fragmento vemos a oposição relativa ao animal, lançada pelo autor. Confusão normal tendo em vista que os dois animais, tigre e o jaguar pertencem a mesma família (*Felidae*) e ao mesmo gênero (*Phantera*). Porém se tratando de Borges nunca saberemos se a troca dos animais foi proposital ou não, já que em toda sua vida e obra se faz muito recorrente a figura do tigre.

Tomando as características de cada animal para análise, vemos que segundo o *Dicionário de Símbolos*, o Jaguar é tido pelos índios da América Central como a representação do guardião dos campos, e que representa a proteção tanto aos campos como a agricultura representando também a deusa lua-terra, “*Deus do interior da terra, ele leva nas costas uma concha marinha, símbolo da grande-mãe Lua, e, por extensão, símbolo do nascimento.*” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2009, p.511). Para os maias as feiticeiras se apresentavam sobre a forma do Jaguar.

Em numerosos mitos dos índios da América do Sul, intervém um jaguar de quatro olhos, o que simboliza o dom de clarividência dos espíritos noturnos e ctonianos. Nos mitos brasileiros referentes à origem do fogo, ele aparece como o herói civilizador que dá o fogo aos homens (...). E, todavia, ele aparece também não como o inventor do fogo, mas como o seu guardião, depositário e primeiro usuário.” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2009, p.511)

O Jaguar como vemos carrega consigo a marca do guardião seja ele dos campos, do fogo ou do conhecimento. É visto como aquele que guarda e que detém o conhecimento, como no mito brasileiro, é o portador que entrega esse conhecimento guardado fazendo assim surgir, nascer esse “fogo” na humanidade, refletindo assim sua característica de símbolo do nascimento.

Por sua vez o tigre é uma força representativa sagrada para muitas culturas, um animal que apresenta a vida e a longevidade, sendo considerado no sudoeste asiático, como um ancestral místico e iniciador.

“O tigre é mais especialmente um animal do norte, do solstício de inverno, onde devora as influências maléficas. Se por vezes é a montaria de um Imortal, é porque ele próprio é dotado de longevidade. Sua força simboliza ainda no budismo, a força da fé, do esforço espiritual, atravessando a *selva dos pecados*, que é simbolizada, por uma floresta de bambus.” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2009, p. 884)

Encontramos no tigre a longevidade, o símbolo daquilo que foi feito para durar, passando por todas as situações e momentos, o que corrobora as passagens do conto quando se fala que: “ *Imaginé esa red de tigres, ese caliente laberinto de tigres, dando horror a los prados y a los rebaños para conservar un dibujo.*” (BORGES, 2005, p.149) “*decir el tigre es decir los tigres que lo engendraron, los ciervos y tortugas que devoro, el pasto de que se alimentaron los ciervos, la tierra que fue madre del pasto, el cielo que dio luz a la tierra.*” (BORGES, 2005, p.150) Fragmentos que fazem jus ao símbolo dos animais em que questão, aquele que guarda e perpetua o conhecimento.

Nessa busca pela descoberta da escritura do Deus o Mago Tzinacán ao se deparar com a possibilidade dela estar escondida no tigre, tenta desvendar as manchas

que nele aparecem como vemos no fragmento abaixo:

“Dediqué largos años a aprender el orden y la configuración de las manchas. Cada ciega jornada me concedía un instante de luz, y así pude fijar en la mente las negras formas que tachaban el pelaje amarillo. Algunas incluían puntos; otras formaban rayas trasversales en la cara interior de las piernas; otras, anulares, se repetían. Acaso eran un mismo sonido o una misma palabra. Muchas tenían bordes rojos.” (BORGES, 2005, p. 149-150)



Quanto às cores que formam o Tigre/Jaguar (preto, amarelo e vermelho), encontramos no Dicionário de Símbolos alguns significados que reforçam as funções dos animais e que antecipam a situação que está por vir. Para Chevalier e Gheerbrant, 2009, a cor preta está relacionada com a evolução, “indicaria a fase inicial de uma evolução progressiva, ou inversamente, o grau final de uma evolução regressiva.” (p.633), representando a indicação de que o conto evoluciona em seu contexto.

Quanto à cor amarela, traz a representação da eternidade, porém quando junta ao preto traz a noção de sublimação, de separação entre o caos e o conhecimento. O que justamente se apresenta neste momento do conto, momento que se faz a iniciação, que se faz a separação do não conhecer, do questionar, para a descoberta do conhecimento.

Negra ou amarela é também, para os chineses, a direção do Norte ou dos abismos subterrâneos onde se encontram as fontes amarelas que levam ao reino dos mortos.” O Amarelo se separa do negro no momento da diferenciação do caos: a polarização da indiferenciação primordial se faz em amarelo e negro. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2009, p.41)

Já a cor vermelha vem junto com as outras cores marcar essa iniciação ao conhecimento. Segundo o *Dicionário de Símbolos* o vermelho é universalmente considerado como

“(...) o símbolo fundamental do princípio da vida, com sua força, seu poder e seu brilho (...). É a cor da alma, a da libido, a do coração. É a cor da Ciência, do Conhecimento esotérico, interdito aos não-iniciados, que os sábios dissimulam sob seu manto.” P.944

Sobre as manchas, Chevalier e Gheerbrant afirmam que as pessoas projetam nas maiorias das vezes a sua personalidade de acordo com o que as manchas lhes fazem lembrar. “*A mancha desempenha apenas um papel introdutor de símbolos*” (p. 585) e que além desse papel indutor temos a mancha como símbolo “*de uma degradação, de uma anomalia, de uma desordem... a mancha revela a contingência do ser, cuja perfeição, quando atingida, tem pouca duração. É a marca da fraqueza e da morte. Afirma que tudo passa como uma nuvem*” (p.585).

Partindo desse pressuposto de que as manchas servem de indutor, de introdutor de outros símbolos, encontramos no conto a confirmação desta afirmação, pois foi ao contemplar as manchas do animal e refletir sobre o seu papel de “letras” ou “linguagem” da escrita do deus, que o Mago Tzinacán chega ao momento em que sonha e ali parte para encontrar sua tão esperada resposta.

Considerações finais

Por meio destas análises podemos perceber que o papel do Jaguar/Tigre através da visão que os seus símbolos representam serve para levar o leitor a um esclarecimento, a uma iniciação, após estudo das suas representações.

Os símbolos ali representados seja o próprio Tigre/Jaguar, as manchas ou mesmo as cores presentes no animal, se complementam e se relacionam, nos levando a um direcionamento para os próximos passos dentro do conto, assumindo assim uma função norteadora do pensamento, seja do Mago na sua busca pela escritura, como também do leitor.

Todos os símbolos confluem para o conhecimento guardado e a iniciação na busca desse conhecimento, papéis designados a simples imagem do animal, que se torna mais um dos grandes e recorrentes símbolos dentro do universo fantástico e literário borgeano.

REFERÊNCIAS

BARRENECHEA, ANA M. *La expresión de la irrealidad en la obra de Jorge Luis Borges y otros ensayos*. Buenos Aires: ediciones del cfrado, 2000.

BORGES, Jorge Luis. *El Aleph*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2005. BORGES, Jorge Luis. *Manual de Zoología Fantástica*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

CANAPARO, Claudio; LOUIS, Annick; ROWE, William (comps.) *Jorge Luis Borges. Intervenciones sobre pensamiento y literatura*. 1ª Ed. Buenos Aires: Paidós, 2000.

CÉDOLA, Estela. *Borges o la coincidencia de los opuestos*. 2ª Ed. Buenos Aires: EUDEBA, 1993

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, signos, cores, números)*. 23ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

FRYE, Northrop. *Anatomia da Crítica*. São Paulo: Cultrix.

RODRÍGUEZ, Javier. T. *Leyenda y misterios de los aztecas*. Espanha: Edicomunicación, s.a., 1997

SOSNOWSKI, Saúl. *Borges e a Cabala: a busca do Verbo*. São Paulo: Perspectiva, 1991. (Debates, 240)

TODOROV, Tzvetan. *Introducción a la literatura fantástica*. 1ª Ed. – Buenos Aires: Paidós, 2006.

TODOROV, Tzvetan. *Estruturalismo e poética*. 4ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1976.

TOMACHEVSKI, B. “Temática”. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (Org.). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1971, p. 169-204.